

O texto como versão interlinear do comentário¹

Furio Jesi

Tradução de Vinícius N. Honesko

Enviado em: 18/07/2018
Aprovado em: 20/07/2018

"A natureza é triste porque é muda. Mas é a inversão dessa afirmação que penetra ainda mais a fundo na essência da natureza: é a tristeza da natureza que a torna muda. Vive, em toda tristeza, a mais profunda tendência ao silêncio, e este é infinitamente mais do que uma incapacidade ou aversão a comunicar. O que é triste se sente inteiramente conhecido pelo incognoscível."² Procedendo como Benjamin ensinou, portanto, tratando "um texto literário [aquele de Benjamin que aqui é citado] do mesmo modo com que os comentadores medievais tratavam a Bíblia"³, é lícito observar que a "versão interlinear"⁴ da frase a que aqui se faz referência se encontra nos primeiros dois versos da *Lorelei*, de Heine:

Ich weiß nicht, was soll es bedeuten
Daß ich so traurig bin.

Não sei o que deva significar
Que eu esteja tão triste.

¹ Publicado originalmente em *Caleidoscopiobenjaminiano*. Roma: Istituto Italiano di Studi Germanici, 1987. Org.: Enzo Rutigliano e Giulio Schiavoni. pp. 217-220.

² BENJAMIN, Walter. *Sullalingua in generale e sullalinguadegliomini*, in.: BENJAMIN, Walter. *AngelusNovus. Saggi e frammenti*, trad. introd. di R. Solmi, Torino, Einaudi, 1962, pp. 65-66. (Trad. brasileira: *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem*. In.: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Org. Jeanne Marie Gagnebin, trad.: Susana Kampf Lages e Ernani Chaves, São Paulo, 34/Duas cidades, 2011. pp. 70-71. "Por ser muda, a natureza é triste e se enluta. Mas é a inversão dessa frase que penetra ainda mais fundo na essência da natureza: é a tristeza da natureza que a emudece. Em todo luto, há uma profunda inclinação para a ausência de linguagem, o que é infinitamente mais do que uma incapacidade ou uma aversão a comunicar. Assim, aquilo que é triste sente-se conhecido de parte a parte pelo incognoscível.") Pareceria uma citação de Rilke, mas por uma simples razão de datas não o pode ser: deve ser praticamente excluído o fato de Benjamin conhecer naquele tempo as ainda inéditas cartas de Rilke a X. Kappus (as chamadas *Cartas a um jovem poeta*); e os *Sonetos a Orfeu* ainda não haviam sido escritos.

³ A observação de Adorno é citada por R. Solmi na introdução de *Angelus Novus*, p. X.

⁴ BENJAMIN, Walter. *Il compito del traduttore*, in.: BENJAMIN, Walter. *Angelus Novus* cit., p. 50: "La versione interlineare del testo sacro è l'archetipo o l'ideale di ogni traduzione". ["A versão interlinear do texto sagrado é o arquétipo ou o ideal de toda tradução"]. (trad.: brasileira: *A tarefa do tradutor*. In.: BENJAMIN, Walter. *Op. Cit.* p.119.)

As traduções correntes em geral omitem o correspondente literal daquele *sollen* (Não sei o que signifique [...]) ou apenas traduzem o sentido de uma forma em alemão tão costumeira de modo elegante e menos pesado (Jamais sei o que significa [...]). Mas a passagem de Benjamin encontra sua versão interlinear em Heine apenas se não se deixa escapar o "dever", *sollen*, o qual, mesmo que à escuta fique mais pesado do que o necessário, indica a contraposição clara entre o estar "triste", *traurig*, e o "significar", *bedeuten*. Estar triste é o oposto de dever significar, no sentido de *bedeuten*. "Vive, em toda tristeza, a mais profunda tendência ao silêncio", e *bedeuten* é um "significar" que exclui o silêncio: um silêncio pleno de significado, um silêncio significante ou significativo não é o verdadeiro silêncio de que fala Benjamin, é apenas o silêncio de quem poderia ou gostaria de falar, mas não pode ou não quer fazê-lo. O silêncio de que fala Benjamin é a forma profunda do lamento e "o lamento é a expressão mais indiferenciada e impotente da língua, que contém quase que apenas o suspiro sensível"⁵: se esse silêncio se tornasse voz, seria lamento e, por isso, algo ainda mais distante do significar do que o puro silêncio. O verdadeiro lamento no qual consiste a *Lorelei* de Heine é privado de significado e é contra o significar; "contém quase que apenas o suspiro sensível", e aquilo que contém além do suspiro sensível é a negação objetiva, em absoluta "coisidade", da possibilidade de que o suspiro sensível, no lamento, signifique.

Somente assim pode ser verdade o naufrágio que aparentemente conclui a lírica de Heine, e de fato assim o é desde o primeiro verso. Aquilo que Benjamin considerou como grande e subversivo na crítica literária é justamente isto: o exemplo de uma inversão dos termos, por meio da qual o ensaio se torna não pretexto, mas espaço privilegiado no qual o texto por excelência, canônico, clássico, pertencente ao passado, se faz versão interlinear de um texto sagrado, que é o texto do ensaio. Assim, "articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como propriamente foi'. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja em um instante de perigo".⁶ No entanto, é um exemplo (e o reconhecimento

⁵ BENJAMIN, Walter. *Sullalingua in generale...* p. 65. (Trad. brasileira: *Sobre a linguagem em geral...* p. 70. "mas o lamento é a expressão mais indiferenciada, mais impotente da linguagem; ele contém quase só o suspiro sensível;")

⁶ BENJAMIN, Walter. "Tesidi filosofia dellastoria" in. BENJAMIN, Walter. *Angelus Novus. Op. cit.* p. 74. (trad. brasileira: BENJAMIN, Walter. "Teses sobre o conceito de história" In. LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005. Trad. das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. p. 65. "Articular o passado historicamente não

de um privilégio) assinalado pela tristeza, aquela mesma que Benjamin, de modo contraditório, indica na origem do “procedimento com o qual o materialismo histórico” e ele próprio “romperam”⁷. Essa contradição é o verdadeiro sentido exemplar das *Teses de filosofia da história* como desmentido do *continuum* e, no mesmo sentido, também exemplar, como apólogo, é o som – “quase que apenas o suspiro sensível” – da escrita do ensaísta, que consegue fazer da própria página o espaço tristemente privilegiado no qual o passado se torna, em sua “coisidade”, versão interlinear do presente: “Apenas *aquele* historiador que está perpassado pela ideia de que *também os mortos* não estarão seguros diante do inimigo, se este for vitorioso, tem o dom de atear ao passado a centelha da esperança. E esse inimigo não tem cessado de vencer.”⁸ Quando um homem morre, por um instante, diante dos olhos dos vivos, seu corpo verdadeiro é assumido por um corpo falso: depois este também desaparece e de visíveis restam apenas as cinzas. O perigo – diz Benjamin – é escolher ou apenas tristeza ou apenas o *Hino de alegria*: “O perigo ameaça tanto o patrimônio da tradição quanto aqueles que o recebem”.⁹ “Ao conceito de um presente que não é passagem, mas que é estanque e imóvel, o materialista histórico não pode renunciar (...) O historicismo postula uma imagem ‘eterna’ do passado, o materialista histórico uma experiência única com este. Ele deixa que outros gastem as próprias forças com a meretriz ‘Era uma vez’ no bordel o historicismo”.¹⁰ O lamento privado de significado de Heine é o eco de um *Märchen* que “não sai da cabeça”. Apenas se o significar é abandonado o “Era uma vez”, como puro lamento, torna o homem, no naufrágio, “senhor de suas forças: homem o bastante (...)”.¹¹

significa conhecê-lo 'tal como ele propriamente foi'. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo.”)

⁷ *Idem.* p. 75. (trad. brasileira: *Idem.* p. 70)

⁸ *Idem.* p.74-75. (trad. brasileira: *idem.* p. 65. “O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente *àquele* historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer.”)

⁹ *Idem.* p. 74. (trad. brasileira: *idem.* p. 65. “O perigo ameaça tanto o conteúdo dado da tradição quanto os seus destinatários.”)

¹⁰ *Idem.* p. 81. (trad. brasileira: *idem.* p. 128. “O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas no qual o tempo estanca e ficou imóvel (*Stillstand*). O Historicismo arma a imagem ‘eterna’ do passado, o materialista histórico, uma experiência com o passado que se firma aí única. Ele deixa aos outros se desgastarem com a prostituta ‘era uma vez’ no prostíbulo do Historicismo.”)

¹¹ *Idem.* (trad. brasileira: *idem.* “Ele permanece senhor de suas forças: viril o bastante...”)

Nota ao texto

O texto como versão interlinear do comentário foi publicado postumamente no volume, aos cuidados de Enzo Rutigliano e Giulio Schiavoni, *Caleidoscopio benjaminiano* (Roma: Istituto italiano di studi germanici, 1987, pp. 217-220). Com base no epistolário de Jesi, parece-nos possível datar sua escrita, com certa precisão, no início de 1980. Em 28 de janeiro desse ano, Jesi assim responde a Tito Perlini, que o havia convidado para colaborar em um volume sobre Benjamin e sua fortuna italiana:

Caro Tito,
eis uma nota um pouco extravagante sobre Benjamin, meu único modo de responder ao 'o que você acha?'.
Minha única contribuição explícita (e com certo número páginas) no estudo de W.B. é o capítulo de *Mito* sobre o qual você havia comentado. Por extremo escrúpulo bibliográfico, anexo uma ficha na qual elenquei algumas de minhas reflexões (!) não ocasionais sobre Benjamin.

A “ficha” não foi conservada entre as cartas de Jesi, enquanto a “nota um pouco extravagante” (a expressão lembra aquela usada certa vez por Jesi a respeito de seu *Spartakus. Simbologia da revolta*¹²: “é completamente 'fora de tema'”) nos parece reconhecível no texto, o qual segue, de fato, uma verdadeira recapitulação teórica do intenso e constante confronto com Benjamin que já durava um decênio. Se à “contribuição explícita” do capítulo 4.5 de *Mito*,¹³ dedicado à polêmica de Benjamin contra às reabilitações reacionárias de Bachofen, podemos hoje colocar ao lado somente um importante fragmento do mesmo período (publicado com o título *Ermetismo di Benjamin*, na revista “Cultura tedesca”, número monográfico dedicado a Furio Jesi, organizado por Giorgio Agamben e Andrea Cavalletti, 12, 1999, pp. 145ss), é possível aqui recordar que já em 1971 Jesi propunha à editora Ubaldini um volume sobre Benjamin para a série “Che cosa ha ‘veramente’ detto”.¹⁴ Por outro lado, escreverá (depois de *Rousseau*, 1972) um *Pascal* (1974), no qual a referência às *Teses de filosofia da história* tem um papel central, assim como em outros textos escritos entre 1973 e 1976 (por exemplo, o grande ensaio sobre *Bachofen* – Torino: Bollati Boringhieri, 2006 – ou o

¹² Cf.: JESI, Furio. *Spartakus. Simbologia da revolta*. São Paulo: N-1, 2018. Trad.: Vinícius Nicastro Honesko.

¹³ JESI, Furio. *Mito*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1973.

¹⁴ N.T.: *O que “verdadeiramente” disse*.

não menos importante *Conoscibilità della festa*, republicado em *Il tempo della festa* – Roma: Nottetempo, 2013). É inspirando-se no modelo benjaminiano da montagem de citações que Jesi constrói seus ensaios e elabora uma teoria pessoal do "conhecimento por composição". A partir de 1976 (ano de *Esoterismo e linguaggio mitologico*¹⁵), ele se concentra e reflete sobre o texto de 1921, *Para uma crítica da violência*, e, sobretudo, sobre os grandes ensaios *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem* e *A tarefa do tradutor*: seu último projeto, o livro *Traduzione e duplicità dei linguaggi*, do qual restam apenas alguns capítulos e materiais preparatórios, é também uma original retomada desses últimos textos sob o signo da equivalência "pura língua" (*reine Sprache*) – "mito".

Andrea Cavalletti.

¹⁵ Agora em: JESI, Furio. *Esoterismo e linguaggio mitologico*. Macerata: Quodlibet, 2002.